

Vítimas de queimaduras discutem o preconceito

Ana Cristina Gonçalves
Da equipe do Correio

O sonho da adolescente Alaíde Mendes, 15 anos, é ser atriz de novela. Antes, porém, ela terá que vencer o preconceito de carregar no rosto e no corpo as marcas de uma queimadura.

“Espero que quando estiver na televisão, as pessoas possam esquecer a marca que tenho no rosto e apreciar meu trabalho”, diz.

Junto com outras 30 crianças e adolescentes, Alaíde participa, até amanhã, do 1º Encontro de Sequelados por Queimaduras do Distrito Federal, na Fundação Cidade da Paz, no Park Way.

“Queremos aumentar a auto-estima dessas crianças e ajudá-las a vencer preconceitos”, explicou a assistente social da Unidade de Queimados do Hospital da Asa Norte (Hran), Maria Acirene Braga.

Barreira — Alaíde se queimou com querosene, quando tentava iluminar, com uma lamparina, o casebre onde morava no interior de Minas Gerais.

Ela diz que já venceu barreiras e não dá importância aos apelidos que recebe na escola ou quando alguém a isola apenas por ser vítima de queimaduras.

No encontro de queimados, Alaíde usava blusa decotada e sem manga, e short, deixando à mostra as sequelas nos braços, colo e pernas.

“Já que não dá para esconder as marcas do rosto, é melhor mostrar todas, antes que alguém peça para mostrá-las”, justificou.

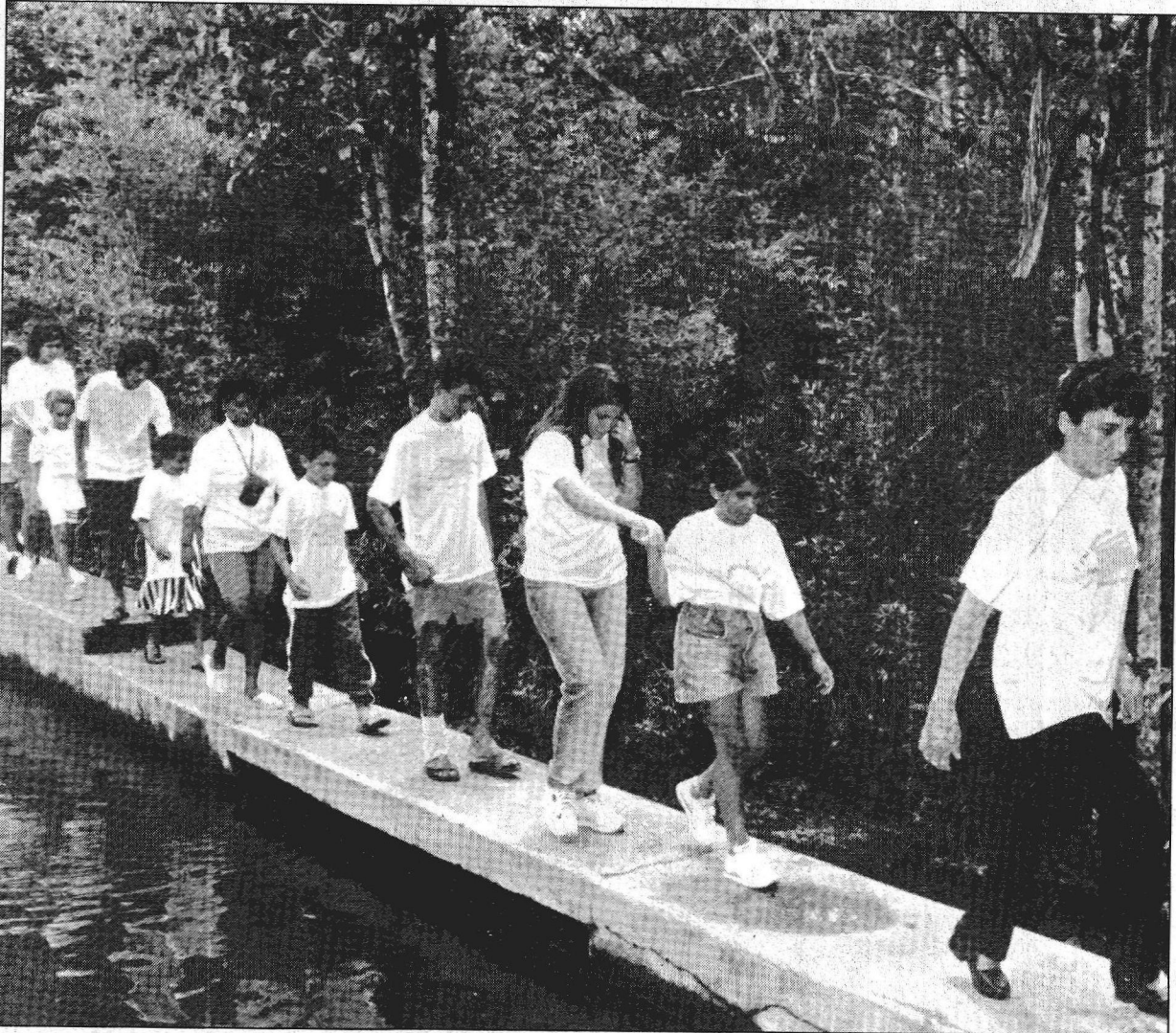
Ao contrário de Alaíde, a adolescente Ângela Maria de Oliveira, 14 anos, não aceita as cicatrizes que ocupam 60% de seu corpo.

Revolta — “Não gosto de roupa que mostre meu corpo”, disse, justificando o short comprido e a camisa fechada. Enquanto fala, deixa o cabelo comprido cobrir um pouco do rosto marcado pelas queimaduras.

Segundo os médicos, Ângela tem problemas de aceitação. A primeira vez que viu sua imagem refletida num vidro, se desesperou. “Ela gritava: cadê eu, essa não sou eu”, contou Maria Acirene Braga.

Ângela mora em Cristalina (GO), onde, aos 8 anos, sofreu o acidente. Ela segurava um litro de álcool enquanto a tia colocava fogo no mato. A garrafa explodiu, queimando rosto, tronco, braços e pernas.

Paulo de Araújo



O Encontro de Sequelados por Queimaduras do DF, na Cidade da Paz, reúne, até amanhã, 30 crianças e adolescentes

Acidentes domésticos somam 65%

O Hospital Regional da Asa Norte (Hran) é referência no tratamento de queimados. Anualmente são atendidas 240 vítimas, a maioria jovens de até 15 anos.

Segundo o chefe da Unidade de Queimados, Mário Frattini Ramos, 65% dos acidentes ocorrem por negligência de adultos: “São pessoas que deixam crianças perto do fogão ou brincando com álcool e querosene”.

Há dois anos foi formada a Associação de Portadores por Sequela de Queimadura (Aposeq), que reúne cem vítimas de acidente com álcool, querosene, gasolina, eletricidade, líquidos quentes (café, água, leite).

O trabalho dos voluntários da Aposeq, além de reforçar o ego e auto-estima dos queimados, é também de conseguir recursos para compra de material.

Doação — “Quem quiser colaborar pode doar dinheiro e depois abater no Imposto de Renda”, garantiu a coordenadora da Aposeq, Maria Acirene Braga.

As doações podem ser depositadas na agência 202 do Banco de Brasília, na conta nº 629.910-7, em nome do Instituto Candango de Solidariedade.

“Depois a pessoa leva o comprovante de depósito à Aposeq, no próprio Hran, e nós trocamos pelo reci-

bo do Instituto Candango”, explicou Maria Acirene Braga.

Com as doações, os voluntários pretendem comprar malhas protetoras, hidratantes e bolsa de silicone necessários para o tratamento das vítimas de queimadura.

“Geralmente faltam esses materiais no Hran e as famílias carentes não têm como comprá-los”, explicou a coordenadora da Aposeq.

É o caso de Ângela Maria de Oliveira, que precisa usar malha e máscara protetora para recuperar o tecido queimado em seu corpo.

Mas ela não os usa porque o Hran não tem e Ângela não pode comprá-los.